

Jazidas paleolíticas no concelho de Lagos (Algarve): abordagem preliminar

ANA QUELHAS
GERTRUDES ZAMBUJO

R E S U M O Este artigo apresenta os resultados de sondagens arqueológicas realizadas em quatro sítios do Algarve (concelho de Lagos), descobertos no decurso de prospecções realizadas na área de implantação de uma conduta de água com cerca de 100 km. Três deste sítios (Ferrel 1, Ferrel 2 e Monte do Januário) já tinham sofrido grandes perturbações pós-depositivas. Só na jazida da Cruz da Pedra foi encontrada uma camada não perturbada que continha um número significativo de artefactos.

Globalmente, estas ocupações são do Paleolítico Superior. Só para a Cruz da Pedra pode ser adiantada uma cronologia mais precisa, Magdalenense Final. O Monte do Januário data provavelmente do Epipaleolítico. Até há pouco tempo, a nossa visão do povoamento do Paleolítico Superior estava basicamente restrita à zona da Estremadura. Nos últimos quatro anos este padrão tem sofrido alterações: foram descobertos alguns sítios desta cronologia no interior (nas margens dos rios Côa e Guadiana) e agora no Algarve. Como os resultados demonstram, esta visão era devida à falta de trabalhos de prospecção sistemática e especificamente orientada para a detecção das jazidas características desta época.

A B S T R A C T This paper presents the results of test excavations in four sites in the Algarve - Southern Portugal. These sites were found during survey work along a 100 km - long transect in preparation for the opening of the trench for a water conduct. Three of these sites had already suffered severe post-depositional disturbances (Ferrel 1, Ferrel 2 and Monte do Januário). Only at Cruz da Pedra an undisturbed layer bearing an important number of artifacts was found. The sites were occupied in the Upper Palaeolithic. A more precise chronology can be proposed to Cruz da Pedra, which is dated to the Late Magdalenian. Monte do Januário is more likely to be Epipalaeolithic. Until very recently, our view of the Upper Palaeolithic. Settlement of Portugal was basically restricted to the Central coastal

regions. In the last four years this pattern has changed: Upper Palaeolithic sites have been discovered in the interior (along the banks of the Côa and Guadiana rivers) and, now, in the Algarve. As results have shown, that view was biased by the lack of systematic field surveys specifically designed to find sites with the geological and locational characteristics typical of the period.

1. Preâmbulo

A descoberta dos sítios que apresentamos neste artigo surgiu na sequência da prospecção prévia do traçado e do acompanhamento de obras que tem sido feito pelas signatárias no Sistema Multimunicipal de Abastecimento de Água ao Barlavento Algarvio (ver Fig. 1, com implantação geral do traçado), a decorrer desde Fevereiro de 1997.

Embora em prospecção não tenham sido detectados quaisquer materiais que indicassem a presença de vestígios arqueológicos, com as movimentações de terras inerentes à abertura da vala para implantação da conduta foram identificados materiais líticos, cujas características tecnológicas e tipológicas apontavam para cronologias do Paleolítico Superior Final ou Epipaleolítico, períodos para os quais só agora começam a aparecer os primeiros resultados mais seguros para esta região (como é exemplo o sítio paleolítico da Vala, Silves; Zambujo e Pires, no prelo).

Esta situação levou-nos a pedir imediatamente ao Instituto Português de Arqueologia (IPA) autorização para a realização de sondagens arqueológicas, para determinar se haveria ou não níveis arqueológicos preservados e até que ponto as obras para implantação da conduta os teriam afectado.

Os trabalhos realizaram-se entre Novembro de 1997 e Fevereiro de 1998, e foram subsidiados pelo IPA e pelo dono da obra, a empresa Águas do Barlavento Algarvio, S.A., tendo contado ainda com o apoio logístico do empreiteiro, a SOPOL.

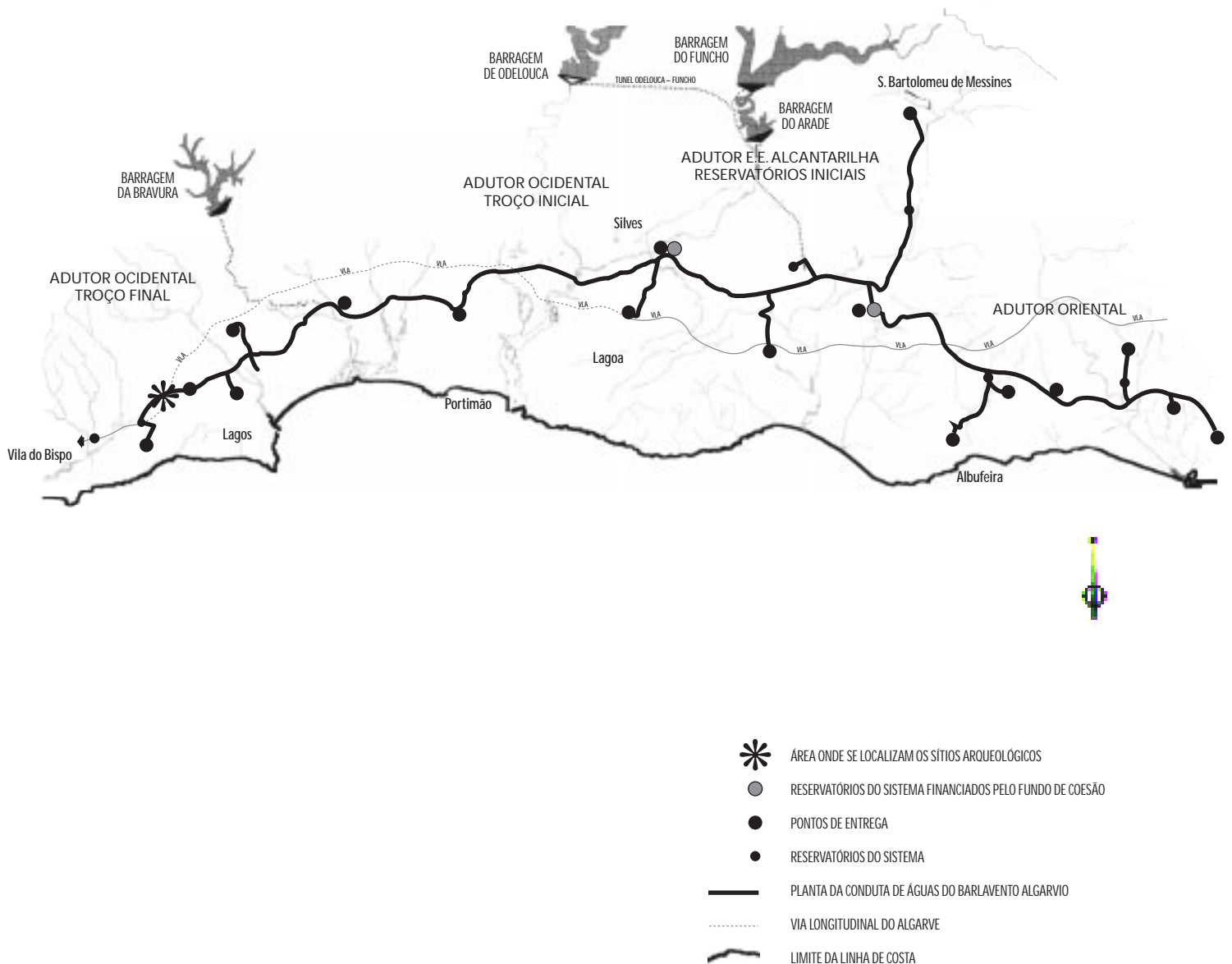
2. Sítios identificados

Os sítios intervencionados são os seguintes: Ferrel 1 e Ferrel 2, Monte do Januário e Cruz da Pedra (ver Fig. 2, com a sua localização na Carta Militar de Portugal, n.º 602, escala 1:25 000).

2.1. Ferrel 1

O sítio de Ferrel 1 localiza-se no lugar de Ferrel, freguesia da Luz, concelho de Lagos, distrito de Faro, tendo as coordenadas geográficas de longitude 8º 43' 33" e latitude 37º 07' 00".

A jazida situa-se numa zona aplanada entre duas pequenas elevações, à cota de cerca de 44 m acima do nível do mar, e assenta num depósito argiloso com uma cobertura muito fina de areias (2 cm de espessura máxima). Numa destas elevações, o calcário aflora à superfície e encontraram-se abundantes fragmentos de sílices, que soubemos por informação oral corres-



ponderem a restos de um antigo sítio de talhe de pedreira que ainda estava activo na primeira metade deste século (ver localização na Fig. 2). Este local terá funcionado como ponto de aprovisionamento de matéria-prima em épocas recentes e provavelmente o mesmo terá acontecido em épocas pré-históricas.

O sítio arqueológico aparecia sob a forma de uma concentração de materiais líticos (essencialmente, lascas e esquirolas). Abrimos três sondagens de 1 m², verificando-se que a cobertura arenosa era muito fina, e que se estava perante um substrato argiloso, não homogéneo em termos de coloração, mas cuja composição era bastante semelhante.

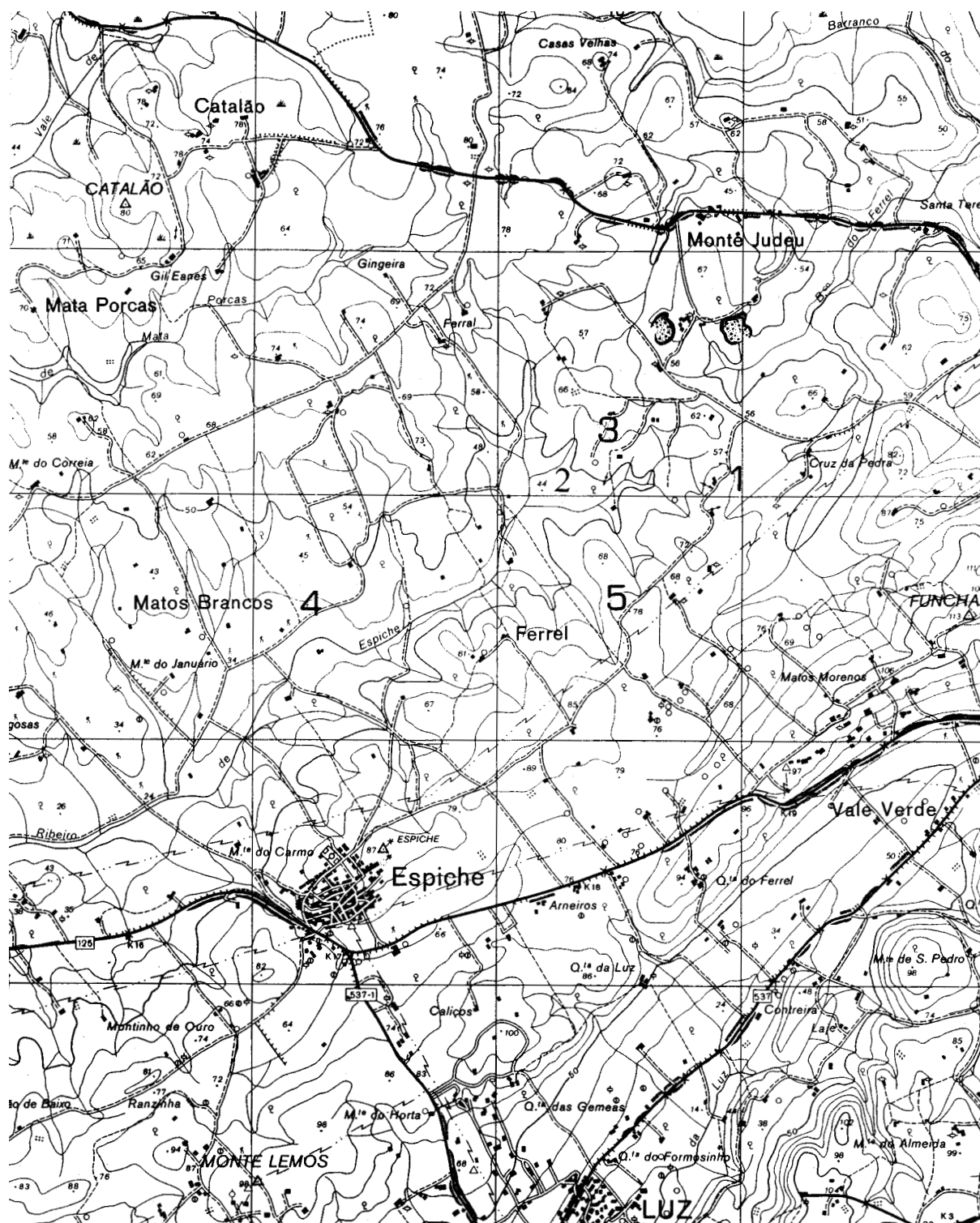


Fig. 2 Localização dos vários sítios na Carta Militar de Portugal, n.º 602, esc. 1:25 000.

- 1 - Cruz da Pedra
- 2 - Ferrel 1
- 2 - Ferrel 1
- 4 - Monte do Januário
- 5 - Local onde abundam à superfície fragmentos de sílices

Embora, abaixo da superfície, os depósitos não sejam totalmente estéreis do ponto de vista arqueológico, a quantidade de materiais é muito inferior. Assim sendo, decidimos abrir duas valas no prolongamento de dois dos quadrados, de modo a podermos aferir sobre a existência de níveis arqueológicos preservados em profundidade. Devido à natureza dos depósitos, argilas muito compactas, optámos por recorrer a uma retro-escavadora para proceder à abertura das valas.

As observações feitas nestas sondagens mecânicas vieram confirmar que o complexo argiloso se prolonga pelo menos por mais 1,5 m de profundidade e que não contém quaisquer materiais arqueológicos.

Os materiais líticos foram inventariados, tendo-se procedido à sua classificação tipológica e tecnológica. Das 95 peças, 68 provêm das recolhas de superfície.

| Ferrel 1 | Sílex | Quartzito | Total |
|-------------------------------|-----------|-----------|-----------|
| Lascas corticais | 10 | | 10 |
| Lascas parcialmente corticais | 19 | 1 | 20 |
| Lascas não corticais | 23 | | 23 |
| Lâminas | 1 | | 1 |
| Lamelas | 1 | | 1 |
| Esquírolas | 12 | | 12 |
| Fragmentos inclassificáveis | 19 | | 19 |
| Núcleos | 1 | | 1 |
| <i>Tablette</i> | 1 | | 1 |
| Utensílios | 7 | | 7 |
| Total | 94 | 1 | 95 |

Constata-se que a matéria-prima mais utilizada é o sílex, havendo somente uma lasca de quartzito; que a debitage laminar é praticamente inexistente e que o número de utensílios é reduzido, tendo sido identificados os seguintes (de acordo com a lista tipológica de Sonnevile-Bordes e Perrot, 1954-1956, modificada por Zilhão, 1995):

- um entalhe sobre lasca;
- quatro lascas e 1 lâmina com retoque irregular;
- um fragmento de peça retocada;
- um núcleo discóide em sílex.

A análise das características tecnológicas e tipológicas de algumas peças, bem como a pátina e o elevado grau de rolamento que apresentam sugerem que poderemos estar perante materiais de diferentes cronologias, apontando alguns utensílios, lascas e o núcleo discóide (todos eles de superfície) para tipos do Paleolítico Médio, enquanto que outras apontam para cronologias mais recentes (Paleolítico Superior?).

A conjugação de todos estes dados sugerir que estes materiais não se encontram no seu local de deposição original. É possível que se trate de uma acumulação secundária com origem em Ferrel 2 (que se situa a escassos metros deste local e a uma cota superior), ou em qualquer outro local nas proximidades que não tenha sido detectado nas prospecções que realizámos e que pode até já estar destruído.

2.2. Ferrel 2

O sítio arqueológico de Ferrel 2 localiza-se no lugar de Ferrel, freguesia da Luz, concelho de Lagos, distrito de Faro, tendo as coordenadas geográficas de longitude 8° 43' 28", e de latitude 37° 07' 11", tendo sido identificado por nós na sequência de prospecções que realizámos para tentar localizar o sítio de origem dos materiais que se concentravam na zona de Ferrel 1.

A estação situa-se numa pequena elevação à cota de cerca de 55 m acima do nível do mar e assenta num depósito argiloso com uma cobertura fina de areias (cerca de 10-15 cm). Está situada cerca de 200 m para norte de Ferrel 1.

A quadrícula geral foi implantada procurando abranger a área onde se encontrava o depósito arenoso com materiais líticos, pois era bem definido no terreno o limite entre a zona das areias, onde havia uma abundante cobertura vegetal, e a zona das argilas que se distinguiam pela sua coloração vermelho-alaranjada e onde afloravam alguns blocos de calcário.

A abertura das sondagens revelou uma estratigrafia composta somente por duas camadas (0 e 1), em que apenas uma delas, a camada 0, tinha algum material lítico, mas estava muito perturbada por raízes, e continha também cerâmicas recentes.

Soubemos em conversa com um habitante local que há cerca de quatro ou cinco anos tinha sido retirada areia para fazer obras, precisamente do local onde agora as argilas estão à superfície. É, pois, muito provável que esta remoção de terras tenha destruído quase totalmente os depósitos arqueológicos e afectado o depósito arenoso que subsiste no local, e onde realizámos as nossas sondagens. A reduzida espessura deste testemunho e a sua pobreza em materiais, em contraste com a abundância de material à superfície, devem ser consequência dessa destruição.

Procedemos à inventariação dos materiais líticos recolhidos e à sua classificação tipológica e tecnológica. Destas 72 peças, 31 provêm de recolhas de superfície.

| Ferrel 2 | Sílex | Quartzo | Quartzito | Total |
|-------------------------------|-----------|----------|-----------|-----------|
| Lascas corticais | 5 | | | 5 |
| Lascas parcialmente corticais | 14 | | | 14 |
| Lascas não corticais | 14 | | 1 | 15 |
| Lamelas | 4 | | | 4 |
| Esquírolas | 19 | 1 | | 20 |
| Fragmentos inclassificáveis | 12 | 1 | | 13 |
| Núcleos | 1 | | | 1 |
| Total | 69 | 2 | 1 | 72 |

Também em Ferrel 2, tal como em Ferrel 1, não foi possível caracterizar com precisão a indústria com base no reduzido número de peças recolhidas (72), em que não há utensílios ou outros elementos que permitam uma atribuição cronológica ao conjunto artefactual (foi recolhido somente um núcleo informe e um fragmento proximal e três distais de lamelas, todos em sílex).

Os materiais encontrados têm uma cronologia muito vasta, que pode ir do Paleolítico Médio até à Pré-História Recente, e neste caso nem as suas características tecnológicas permitem adiantar uma cronologia mais exacta. A ausência de estratigrafia (que atinge no máximo 15 cm de depósito arqueológico), também não ajuda à resolução deste problema.

Dos dados acima enunciados podemos concluir que terá havido uma ocupação pré-histórica no local, da qual só resta uma camada arqueológica pouco espessa, e aparentemente com uma densidade de materiais muito baixa, e muito perturbada por raízes e pela remoção de areias para a construção civil.

2.3. Monte do Januário

O sítio arqueológico do Monte do Januário localiza-se no lugar de Matos Brancos, freguesia de São Sebastião, concelho de Lagos, distrito de Faro, tendo as coordenadas geográficas de longitude 8° 44' 21" e de latitude 37° 06' 43".

A estação situa-se numa zona com uma inclinação muito suave para sul, a poucos metros do Ribeiro de Espiche, à cota de cerca de 40 m acima do nível do mar e em terrenos de substrato areno-argiloso.

No local onde encontrámos à superfície algumas lascas, abriram-se três sondagens de 1 m², tendo-se verificado que a estratigrafia era relativamente homogénea e com uma potência que chega a atingir 1 m. Os materiais arqueológicos estão contidos num depósito areno-argiloso bastante perturbado por trabalhos agrícolas, nomeadamente a plantação e arranque de vinha há alguns anos, bem como por raízes e por todos os outros processos pós-deposicionais a que um sítio arqueológico de ar livre está sujeito. Estes factores explicam a presença de fragmentos de cerâmicas, ferros, vidros e conchas recentes (século XX), junto com os materiais líticos, até uma profundidade de pelo menos 60 cm.

Foram identificadas cinco camadas naturais, estando os materiais contidos nas três primeiras. À medida que a escavação se aproxima das argilas, aumenta a percentagem de nódulos de óxido de ferro e os materiais líticos escasseiam, estão muito alterados e cobertos de muitas concreções ferruginosas.

Procedeu-se à inventariação dos materiais líticos recolhidos e à sua classificação tipológica e tecnológica, das 189 peças recolhidas, das quais somente sete são de superfície. Constatase que há uma maior variedade de matérias-primas utilizadas relativamente aos sítios acima descritos, sendo as percentagens as seguintes: sílex 87%; quartzo 6%; calcário 4%; quartzito 1,5%; calcedónia 1%; filito 0,5%. Merece destaque o talhe do calcário, que não é frequente quando há outras matérias-primas de melhor qualidade disponíveis.

| Monte do Januário | Sílex | Quartzo | Quartzito | Filito | Calcário | Calcedónia | Total |
|-------------------------------|------------|-----------|-----------|----------|----------|------------|------------|
| Lascas corticais | 3 | | | 1 | | | 4 |
| Lascas Parcialmente corticais | 5 | | 1 | | | | 6 |
| Lascas não corticais | 22 | 5 | | | 3 | 2 | 32 |
| Lâminas | 2 | | | | | | 2 |
| Lamelas | 9 | | | | | | 9 |
| Esquírolas | 65 | 6 | 2 | | 5 | | 78 |
| Fragmentos inclassificáveis | 22 | | | | | | 22 |
| Núcleos | 2 | | | | | | 2 |
| Utensílios | 4 | | | | | | 4 |
| Outros | 30 | | | | | | 30 |
| Total | 164 | 11 | 3 | 1 | 8 | 2 | 189 |

A utensilagem recolhida resume-se a quatro exemplares, todos de sílex, e são os seguintes, de acordo com a lista tipológica de Sonnevile-Bordes e Perrot (1954-1956), modificada por João Zilhão (1995):

- um trapézio;
- um fragmento mesial e um fragmento distal de lamelas de dorso;
- uma lasca retocada.
- dois núcleos de sílex, prismáticos, com um plano de percussão.

Sendo a amostra recolhida bastante reduzida, não podemos adiantar com certeza para que suportes se orientava a debitagem. Porém, podemos levantar a hipótese, baseada em paralelos com estações contemporâneas da Estremadura, e com base nos totais obtidos para as lascas, lâminas e lamelas, que a debitagem se orientaria para a obtenção de lascas e suportes lamelares. A comprovar esta ideia, está o facto de os suportes sobre os quais foram produzidos os utensílios serem maioritariamente lamelas.

Com base no reduzido número de peças recolhidas não é possível caracterizar com precisão a indústria, mas os utensílios recolhidos apontam para cronologias do Paleolítico Superior Final (Magdalenense 16 000-10 000 BP) ou do Epipaleolítico (cerca de 10 000 - 7500 BP).

2.4. Cruz da Pedra

O sítio arqueológico de Cruz da Pedra localiza-se no lugar de Cruz da Pedra, freguesia da Luz, concelho de Lagos, distrito de Faro, tendo as coordenadas geográficas, de longitude 8° 44' 21" e de latitude 37° 06' 43".

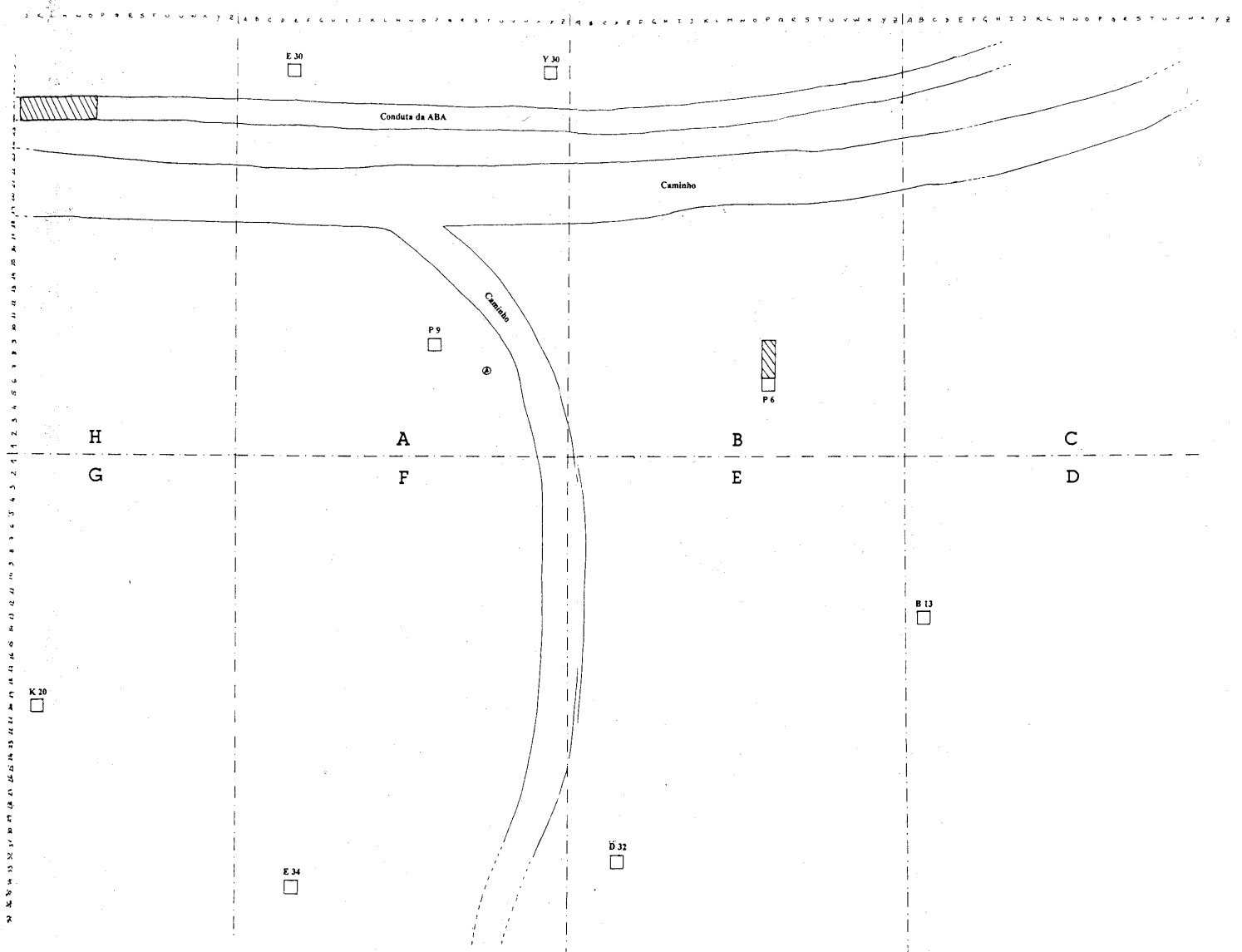
A estação situa-se numa zona com uma inclinação muito suave para Este, à cota absoluta de 58 m, e assenta em terrenos de substrato areno-argiloso.

Começámos por implantar uma quadrícula geral, dividida em sectores, dada a grande área de dispersão dos materiais, tendo sido efectuadas sondagens nos sítios onde a quantidade à superfície era mais significativa (P6 - sector B; B13 - sector D e D13 - sector E), e onde nos parecia ser maior a potência de areias (P9 - sector A e E34 - sector F). A sondagem K20 teve como objectivo determinar os limites do sítio para oeste (ver Fig. 3, em anexo).

A potência dos depósitos arenosos é bastante variável, sendo no máximo de 120 cm no Sector A e o mínimo de 50 cm no Sector F. Nos Sectores B, C, D, E, G e H, porém, a cobertura arenosa é muito fina e a sequência reconhecida é quase inteiramente de textura argilosa.

Pelas observações da estratigrafia, que foram complementadas com observações directas do terreno, verificou-se que, actualmente, a maior densidade de materiais arqueológicos parece concentrar-se na faixa de areias que grosso modo se situa dentro dos limites dos sectores A e F. Apesar disso ocorrem materiais arqueológicos dispersos, à superfície ou nos primeiros 10 cm das sondagens abertas, por toda a área intervencionada, resultado das actividades agrícolas e da acção de processos erosivos naturais.

Para esclarecer dúvidas quanto à esterilidade e continuidade das formações argilosas em profundidade nos sectores B, C, D, E, G, que apresentavam uma textura, coloração e compacidade semelhantes, tivemos a oportunidade de abrir uma sondagem mecânica no prolongamento da sondagem P6 do sector B, com cerca de 3 m de comprimento e cerca de 1,8 de altura. A estratigrafia observada foi a seguinte:



**IMPLANTAÇÃO GERAL
DA QUADRÍCULA**

Escala (em mm) 1:500

Legenda

 Sondagens abertas mecanicamente

⊗ Ponto da ABA - Cota Absoluta: 56,505

MAIÚSCULAS - Sectores

- camada 0, com cerca de 6 cm de espessura, composta por areias muito argilosas;
- camada 1, com cerca de 28 cm de espessura, composta por areias muito argilosas;
- camada 2, com cerca de 150 cm de espessura, composta por argilas amarelas compactas;
- camada 3, onde só foi escavado uma parte do depósito (cerca de 30 cm), composta por argilas vermelhas compactas;

Os poucos materiais arqueológicos que apareceram distribuíam-se pelas camadas 0 e 1, no fim das quais parámos a escavação, pois tudo leva a crer que tenham sido arrastados para ali, por fenómenos pós-deposicionais.

Não parece muito provável que o sítio se possa estender para os sectores G e H, uma vez que a escavação de K20, sector G, revelou a existência de argilas muito à superfície, e a abertura da vala para a implantação da conduta (que corresponde sensivelmente aos quadrados J26-28 a O26-28, do sector H) revelou também uma cobertura argilosa avermelhada, arqueologicamente estéril, muito compacta, que se prolongava até pelo menos 2 m de profundidade.

Soubemos também, por conversa com o rendeiro do terreno, que há cerca de 20 anos foi retirada areia do local onde agora existe uma pequena depressão, que corresponde sensivelmente à área de contacto dos sectores G e H, o que poderá ter destruído uma parte considerável do sítio arqueológico.

Procedeu-se à inventariação dos materiais líticos recolhidos e à sua classificação tipológica e tecnológica. Apareceram algumas cerâmicas e vidros recentes (século XX), mais numerosos nas camadas onde o grau de remeximento foi maior. Das 662 peças recolhidas, 108 são de superfície.

| Cruz da Pedra | Sílex | Quartzo | Quartzito | Filito | Outros | Total |
|-------------------------------|------------|-----------|-----------|----------|----------|------------|
| Lascas corticais | 37 | | 1 | | | 38 |
| Lascas parcialmente corticais | 74 | | 2 | 1 | 2 | 79 |
| Lascas não corticais | 83 | 2 | 5 | 1 | 1 | 92 |
| Lamelas | 22 | | | | 1 | 23 |
| Esquírolas | 303 | 18 | 2 | | 2 | 325 |
| Fragmentos inclassificáveis | 73 | | | | | 73 |
| Núcleos | 12 | | | | | 12 |
| Utensílios | 15 | | | | | 15 |
| Outros | 1 | | 4 | | | 5 |
| Total | 620 | 20 | 14 | 2 | 6 | 662 |

De acordo com os dados recolhidos, verificámos que:

1- a análise da dispersão horizontal das peças indica que o sector A detém uma clara maioria (cerca de 65%), havendo uma diminuição do seu número à medida que nos deslocamos para Este e Oeste, zonas onde as argilas afloram e se encontram remexidas; por outro lado, a dispersão vertical dos materiais no sector A aponta para uma maior concentração de peças no equivalente à camada 1 do quadrado E 30, camada que representa 42 % do total da amostra;

2- alguns materiais de superfície encontravam-se patinados, apresentando alguns retoques não intencionais, provavelmente relacionados com os trabalhos agrícolas;

3- as percentagens das matérias-primas utilizadas são as seguintes: sílex 94%; quartzo 3%; quartzito 2%; outras (incluindo filito, calcedónia, quartzo hialino) 1%; verificamos, assim, que o sílex é o material mais utilizado para o talhe, o que pode ser explicado pela proximidade de um afloramento desta rocha a algumas centenas de metros (conf. Fig. 2, com a localização do sítio da pederneira);

4- os utensílios recolhidos são, segundo a lista tipológica de Sonnevile-Bordes e Perrot (1954-56), modificada por João Zilhão (1995), os seguintes:

- uma raspadeira sobre lasca;
- duas raspadeiras unguiformes;
- duas raspadeiras carenadas atípicas;
- uma ponta de pedúnculo lateral (ponta à *cran*);
- um denticulado;
- uma lamela denticulada;
- uma lamela de Areeiro;
- duas lâminas e 2 lascas retocadas;
- dois fragmentos de peça retocada;

Excepto no que diz respeito à ponta à *cran*, que foi recolhida à superfície e cuja cronologia é claramente Solutrense, a maior parte dos outros utensílios (as raspadeiras unguiformes e carenadas e a utensilagem lamelar) aponta para uma cronologia provavelmente epipaleolítica ou magdalenense; a restante utensilagem tem uma longa cronologia de utilização, não sendo possível atribuir-lhe uma “datação” mais exacta;

5- os núcleos recolhidos (12) distribuem-se pelos seguintes tipos:

- um núcleo discóide;
- seis núcleos prismáticos com um plano de percussão;
- um núcleo prismático com dois planos de percussão alternos;
- um núcleo sobre lasca;
- três fragmentos de núcleos;

6- a debitage lamelar está bem representada, contabilizando cerca de 4% do total de peças recolhidas;

7- da leitura do quadro acima verificamos que as quantidades de lascas de descortimento, bem como o elevado número de esquirolas e a presença de alguns núcleos, indiciam actividades de talhe no local, aparentemente orientadas para a obtenção de lascas e lamelas.

Temos, assim, um conjunto artefactual que aponta para cronologias do Paleolítico Superior Final ou do Epipaleolítico ($\pm 13\ 000 - 8\ 000$ BP), havendo no entanto pelo menos um utensílio de cronologia anterior (Solutrense Superior – $20\ 000 - 18\ 000$ BP). Alguns materiais líticos têm características tipológicas e tecnológicas que indiciam cronologias do Paleolítico Médio, como é o caso do núcleo discóide e de algumas lascas, todos de superfície, com um aspecto mais rolado e patinado que os restantes materiais.

As condições em que os materiais foram encontrados levam-nos a considerar estas cronologias como hipóteses de trabalho, a confirmar por trabalhos futuros na região. nem aqui nem

nas outras jazidas descritas anteriormente foram encontrados quaisquer outros tipo de vestígios arqueológicos para além dos materiais líticos que possam fornecer informação complementar para a caracterização das ocupações e para precisar as suas cronologias.

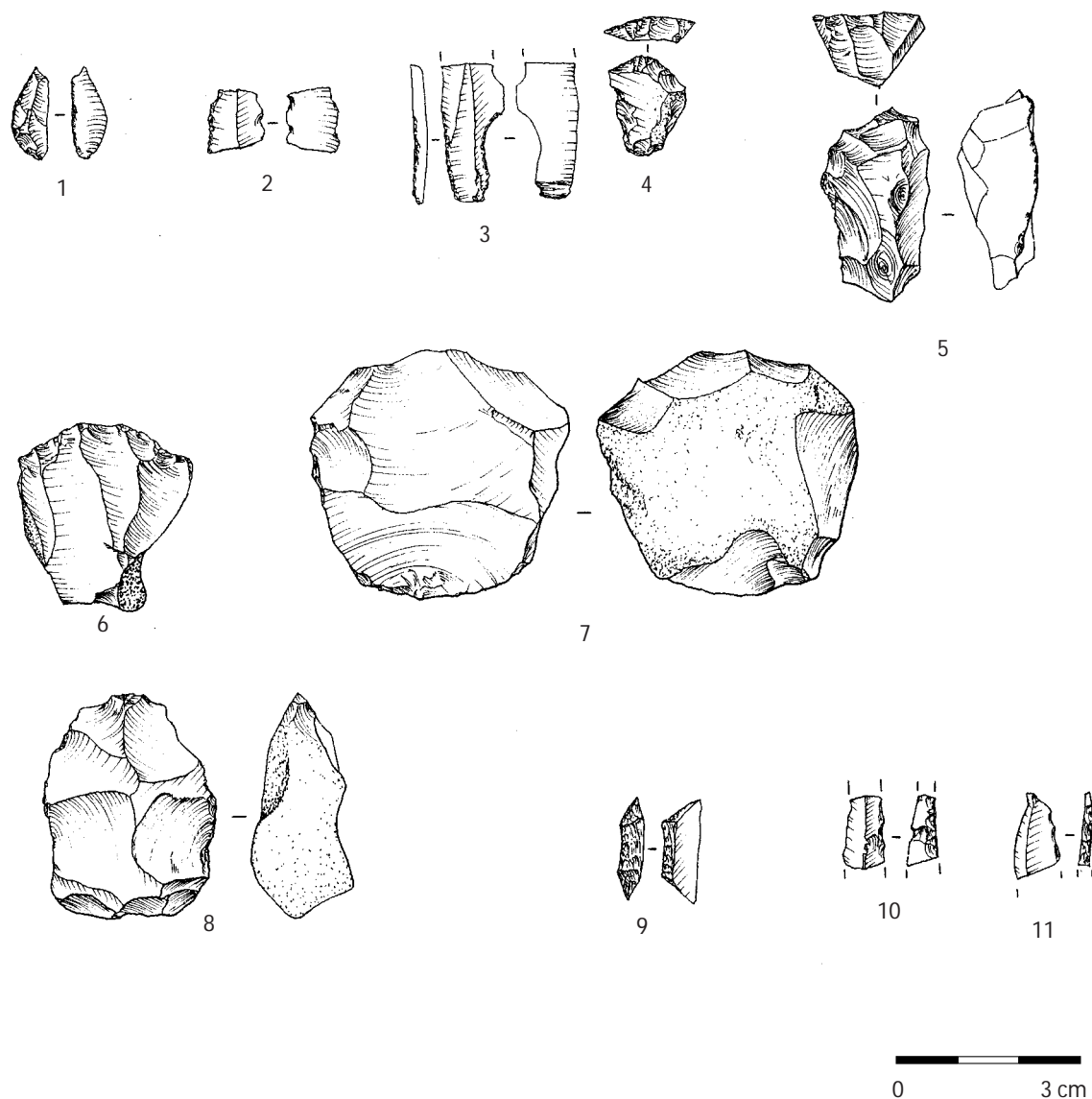


Fig. 4 1 - Lamela Dufour ou de Areeiro (Cruz da Pedra); 2 - Lamela denticulada (Cruz da Pedra); 3 - Ponta de pedúnculo lateral - Ponta à *cran* (Cruz da Pedra); 4 - Raspadeira unguiforme (Cruz da Pedra); 5 - Raspadeira carenada atípica (Cruz da Pedra); 6 - Núcleo prismático com um plano de percussão (Cruz da Pedra); 7 - Núcleo discóide (Cruz da Pedra); 8 - Núcleo discóide (Ferrel 1); 9 - trapézio (Monte do Januário); 10 - Fragmento mesial de lamela de dorso (Monte do Januário); 11 - fragmento distal de lamela de dorso (Monte do Januário). (Desenhos realizados por Katherine Monigal).

3. Perspectivas de investigação

Até ao momento da elaboração deste artigo, o pouco que se conhece do Paleolítico no Algarve é fruto dos estudos dos anos 40 de Henri Breuil, Georges Zbyszewski e Maxime Vaultier, assim como de Abel Viana, dos trabalhos de L. G. Straus nos anos 80 e, mais recentemente, através dos levantamentos para a Carta Arqueológica de Portugal. Porém, os resultados obtidos resumem-se a achados isolados ou dispersos, não seguramente contextualizados.

Tem sido na sequência dos trabalhos arqueológicos realizados ao abrigo de Estudos de Impacte Ambiental que se têm vindo a descobrir estações do Paleolítico Superior em zonas que até então se pensava não terem tido ocupação humana deste período. Esta situação tem-se verificado não só no Algarve (onde o já referido Sítio da Vala, em Silves, deu materiais de cronologia Solutreo-Gravettense e Magdalenense - Zambujo e Pires, no prelo), mas também no Vale do Côa, onde até ao momento já se intervieram cerca de 15 sítios, bem como no regolfo da Barragem de Alqueva, onde até agora estão inventariados cerca de oito sítios seguramente do Paleolítico Superior (comunicação pessoal do Dr. Francisco Almeida, coordenador do - Bloco B 1 - Paleolítico do Plano de Minimização Adjudicado pela EDIA, S.A.).

Se por um lado é certo que o acaso teve a sua influência na detecção destes sítios, uma vez que a sua descoberta ocorreu, ou devido a trabalhos arqueológicos que precederam a realização de obras públicas de grande envergadura (caso do Sítio da Vala onde irá passar a futura Via do Infante), ou a trabalhos de acompanhamento arqueológico das obras de abastecimento de água ao Barlavento Algarvio (caso dos sítios que são objecto deste relatório), já que em prospecção não foi identificado qualquer vestígio que pudesse indiciar a sua existência, por outro parece haver alguns aspectos em comum nos vários sítios encontrados, como: (1) escolha de plataformas de pendor suave, ou com um ligeiro domínio sobre a paisagem envolvente; (2) preferência por sedimentos arenosos ou areno-argilosos; (3) proximidade de linhas de água; que devem ser tidos em conta numa futura estratégia de prospecção de novos sítios nesta.

Para além destes factores, a prospecção de sítios paleolíticos não deve menosprezar outros ambientes que são propícios à conservação dos testemunhos arqueológicos dessa época, como sejam locais com coberturas sedimentares da última glaciação, coluviões (que por vezes sendo Holocénicos, podem estar a cobrir estações paleolíticas) e “dunas” antigas, locais onde têm sido encontrados com sucesso sítios de ar livre do Paleolítico Superior, na Estremadura portuguesa, no Vale do Côa e nas margens do Guadiana.

Gostaríamos ainda de chamar a atenção, mais uma vez, para a necessidade de se efectuar trabalhos de prospecção e acompanhamento de obras nesta região, onde o ritmo de construção é particularmente intenso, o que necessariamente se reflecte na destruição de sítios arqueológicos. Temos como exemplo este caso, onde numa área de cerca de 2 km foram encontrados quatro locais com materiais líticos talhados, o que indicia a provável existência de outras jazidas que ainda não tenham sido detectadas.

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer a ajuda e as sugestões adiantadas pelo Dr. António Faustino de Carvalho na elaboração deste artigo.

BIBLIOGRAFIA

- AUBRY, T. ; CARVALHO, A. F (1998) - O povoamento pré-histórico no Vale do Côa. Síntese dos trabalhos do P.A.V.C. (1995-1997). In *Foz Côa, Ano 2000. Cultura e Património. Freixo de Numão, 1997*. In *Côavisão. Cultura e Ciência*. 0, p.23-34.
- AUBRY, T. ; CARVALHO, A. F.; ZILHÃO, J. (1997) - Arqueologia. In ZILHÃO, J., ed. - *Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Côa. Trabalhos de 1995-1996*. Lisboa : Ministério da Cultura, p. 77-209.
- BREUIL, H. ; VAULTIER, M. ; ZBYSZEWSKI, G. (1943) - Première prospection paléolithique en Algarve. In *IV Congresso da Associação para o Progresso das Ciências*. 8, Porto : Imprensa Portuguesa, p. 63-76.
- Carta Arqueológica do Algarve. Faro, Olhão, Tavira, Vila Real de Santo António, Castro Marim, Alcoutim*. Lisboa: IPPAR. (1995).
- Carta Arqueológica do Algarve. Portimão, Lagoa, Silves, Albufeira, Loulé, São Brás de Alportel*. Lisboa: IPPAR. (1995).
- FORMOSINHO, J. ; VAULTIER, M. ; ZBYSZEWSKI, G. (1945) - Nouvelles découvertes paléolithiques en Algarve. *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. Porto. 10:3.
- VIANA, A. (1947) - Paleolítico dos Arredores de Beja e do Litoral Algarvio. Zona do Sotavento. *Brotéria*. Lisboa. 45:7.
- ZAMBUJO, G. ; PIRES, A. (no prelo) - O sítio arqueológico da Vala, Silves: Paleolítico Superior e Neolítico Antigo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:1.
- ZILHÃO, J. (1997) - *O Paleolítico Superior da Estremadura Portuguesa*. 2 vols. Lisboa : Colibri.